

EDUCAÇÃO, CULTURA E ARTE: OLHARES PARA OS DIVERSOS PROCESSOS EDUCATIVOS REINTERPRETADOS PELO MESTRE ZUMBA¹

Resumo: Este escrito expõe elementos da produção do artista plástico alagoano José Zumba e suas contribuições para a educação alagoana e brasileira a partir da leitura imagética de seus quadros reinterpretados a partir da compreensão de Brandão (1981) e seu conceito de educação, sendo perpassado pela abordagem de Fonseca (2010) sobre a imagem do artista negro na cultura brasileira, apresentando a identidade alagoana nos quadros de Mestre Zumba e sua compreensão acerca da identidade alagoana que faz parte de sua vivência e é transcrita em seus quadros por meio de uma “afroalagoanidade” reinterpretada na figura de seus negros, mulheres e elementos folclóricos numa conjectura com a lei 10.639/2003, trazendo José Zumba como educador a partir do olhar das artes plásticas e da cultura alagoana como elementos integrantes dos processos educativos.

Palavras-chave: Mestre Zumba. Identidade alagoana. Processos educativos.

INTRODUÇÃO

Neste escrito temos por objetivo estudar a produção de José Zumba e suas contribuições para a o campo da educação em Alagoas por meio de uma leitura imagética de suas pinturas, observando como este sintetizou a expressividade da vida do negro no constructo social brasileiro e alagoano. Partindo de seus elementos artísticos, buscamos esquadrihar como se deu a construção de sua identidade como pintor e a força das suas obras para a constituição da identidade negra e alagoana.

¹ No blog colaborativo No azul Sonhado, Dario Augusto escreveu que Antonio Romeiro de Lima, em seu livro que tem por título *Santa Luzia do Norte: um pouco de sua história* (2008), traz um pouco da trajetória de Zumba, nascido em 30 de maio de 1920, em Santa Luzia do Norte. Descendente de negros, aos 10 anos foi para Pernambuco e aos 12 anos ingressou na escola de Belas Artes.

Este estudo nasceu a partir de experiências vivenciadas na Universidade Federal de Alagoas por meio de disciplinas que discutiram a questão da identidade negra e alagoana, especificamente a disciplina Tópicos de História da Educação Alagoana, além da participação em palestras e seminários em que a temática do negro foi objeto de estudo. Temos assim a seguinte questão que norteou nossa produção: de que forma a produção do mestre Zumba pode contribuir para a educação e, especificamente, para a construção da identidade negra de muitos alagoanos?

No intuito de elucidar a importância de se conhecer a história de Alagoas como elemento de identidade, perspectiva local e de espaço temporal de uma determinada época, buscamos investigar e descobrir como a expressividade da arte de Mestre José Zumba, como pintor, interferiu na escrita substancial da história alagoana e brasileira, partindo do ponto de vista de que suas obras transcrevem seu olhar referente a um momento histórico específico, revelando por meio da arte suas concepções de sua “alagoanidade” e do que é ser brasileiro negro.

De forma a dialogar e atender a tais pretensões, entendemos educação como um processo amplo que abarca todos os aspectos da nossa vida. Os processos educativos estão presentes nos espaços familiares, no mundo do trabalho, no lazer, nas rodas de amigos, nas festividades, nos espaços institucionais, seja ele de cunho religioso ou não.

Com base em uma abordagem qualitativa, no presente escrito foi feita uma pesquisa histórica sobre a biografia de Mestre José Zumba no intento de mapear elementos que norteiem contribuições para a arte e para a história de Alagoas e para o Brasil, de forma que essa pesquisa bibliográfica será a primeira porta de acesso para a explanação da temática deste escrito.

Queremos esclarecer, ainda, que por ser uma pesquisa inédita no campo da educação e por não termos formação em arte não teremos condições de aprofundar muitos aspectos de sua obra. Esperamos contribuir humildemente para as diferentes formas de pensar as educações e de entender as identidades negras alagoanas.

1 O OLHAR DO MESTRE ZUMBA PARA A CULTURA ALAGOANA E PARA A HISTÓRIA DO AFRODESCENDENTE

Sabemos que ninguém escapa da educação, visto que em todos os momentos estamos ensinando e aprendendo (BRANDÃO, 1981). No nosso dia a dia, vivemos momentos de trocas intensas. Sendo assim, a educação escolarizada deveria nos proporcionar momentos de reflexão sobre si e sobre o mundo. Por outro lado, nas escolas brasileiras, devido ao processo de colonização implementado pelos portugueses, a identidade e a cultura negra estiveram ausentes da sala de aula ou quando apareciam era quase sempre em situação de inferioridade. Sobre tal questão, Fonseca (2010, p. 89-90) exprime o seguinte:

as imagens construídas sobre o negro, na cultura brasileira, não se distanciam muito daquelas produzidas em outros espaços economicamente desenvolvidos a partir da mão de obra escrava. Nesses espaços, o negro, elemento importante na aceleração da acumulação de capital, transformou-se em mão de obra barata, em utensílio a ser utilizado nos engenhos, nas minas e, posteriormente, nas fábricas, tendo seu valor calculado pelo que valia como mercadoria de troca. E, como afirma o crítico e escritor haitiano René Depestre (1980), quando analisa o mito semiótico que hierarquizou o valor dos homens a partir da cor da pele, a classificação dos indivíduos marcou tão profundamente as experiências históricas da população da América, que, ainda hoje, o corpo humano veicula um tipo de código moral e estético, sobretudo, por seus traços externos.

Em outras palavras, apesar de acentuarmos a importância do negro e do índio para a cultura brasileira, negamos a identidade desses dois povos. No cotidiano, quando não assumimos a nossa negritude alisando o cabelo e não querendo ser pretos, estamos negando a nossa história e a nossa ancestralidade. No dizer de Fonseca (2010, p. 93), “paradoxalmente, ao ser levada a assumir a sua feição mestiça, a sociedade brasileira continua a fomentar o desejo da maioria da população de pautar por determinados padrões [...]” que podemos chamar de brancos. Achamos linda a mulata como símbolo sexual e o negro numa perspectiva viril. Enfim, como objetos de desejo para serem consumidos apenas.

Esses estigmas impressos por meio de uma cultura oficial construída ao longo da história permitem uma “edição” dos estigmas hoje cultuados na sociedade que integram processos históricos e culturais que, ao mesmo tempo, enraízam

impressões e rótulos difíceis de desconstruir, enaltecem os clichês - muitos deles negativos - quando se tratam da população afrodescendente. Isso perpassa também o campo da arte, atrelada de uma maneira mais particular à temática desse escrito nas artes plásticas.

Santos (2013), em seu estudo descritivo e biográfico acerca das obras de Mestre Zumba, mostra que mesmo sendo um artista que aprendeu a pintura em uma Escola de Belas Artes não usou as técnicas apreendidas da pintura para branquear seus personagens, ou seja, Zumba mostrava a realidade do meio que vivia, entre as paisagens, nos terreiros, praias, lagoas e Santa Luzia do Norte. Sendo assim, é possível observar e compreender que apesar de uma estética específica, José Zumba foi reconhecido como artista plástico pela sociedade alagoana depois de muito trabalhar, pois seus quadros eram sua arte e sua subsistência, sendo retratado como “artista camelô” (SANTOS, 2013, p. 9). O autor reforça a influência dos quadros de Zumba na sua identidade como também na sua herança afrodescendente estreita e basilar com a identidade alagoana nas temáticas de folclore, folguedos, paisagens e sujeitos, sendo frequentador de terreiros e até solicitado a pintar alguns deles. Nesse ponto de vista, compreendemos que

a reflexão sobre a produção artística de Zumba, tem, igualmente por objetivo teorizar a estética afroalagoana no âmbito cultural geral enquanto uma estética detentora de significados, e de assinalar a linguagem plástica de Zumba como afirmação étnico cultural do artista (SANTOS, 2013, p. 12).

Com isso, percebemos que a partir de seus quadros Mestre Zumba está presente de forma linear mediado por um aprendizado diversificado especialmente nas vivências, independente de espaços escolares e não escolares. Dessa forma, é importante contextualizar que existe uma educação de maneira híbrida que acrescenta vários tipos de aprendizagem expandida na contribuição de Mestre Zumba além do artista, do pintor, mas também de um educador popular, que em seus quadros escreveu cenários da cultura brasileira e das Alagoas, como também de elementos de sua vivência ligados ao seu protagonismo no campo das artes plásticas, sendo esta uma área elitista.

Sendo assim, o olhar popular desse artista compõe, depois de sua trajetória em vida, uma leitura imagética sobre a história de “sua Alagoas”, sendo esta negra,

cheia de simbolismos, religiosidade, cultura e saber, trazendo a educação como cerne de criação e socialização de seus quase 80 quadros. Por tudo isso, as obras do Mestre Zumba são antes de tudo educativas, tendo sido impressas no ateliê da história alagoana sua marca e sua visão particular de mundo.

Nesse sentido, no campo educacional, pesquisas têm demonstrado que os estudantes apresentam dificuldades de aceitação da identidade negra, ocasionando, muitas vezes, o abandono da escola e uma baixa aprendizagem (SILVA, 1997). Sabemos que a arte negra está ausente dos nossos currículos tanto na educação básica como no ensino superior. Nessa perspectiva, entendemos que as obras do Mestre José Zumba podem contribuir para o fortalecimento da identidade negra e alagoana dos nossos estudantes, tendo em vista que o processo educativo vem a partir da vivência do processo de ensino e aprendizagem no qual a apreensão da cultura se dá por meio de exposição sobre assuntos conectados entre si, como também por elementos integrantes da realidade dos educandos.

Os quadros apresentados abaixo podem ser encontrados no blog Negros, Canais, Lagoas e Outras imagens Periféricas. É importante mencionar que os quadros do Mestre Zumba têm outros modelos educativos que rompem com lógicas “máximas” entrelaçadas em muitos estigmas negativos dentro da sociedade como no campo das artes plásticas. Vejamos abaixo o que podemos aprender por meio das suas obras.

Figura 01 - Uma folia de negros um carnaval em Santa Luzia do Norte



Fonte: <http://outrasimagensperifericas.blogspot.com.br>.

Esta obra do Mestre Zumba retrata o carnaval, uma festa muito popular no Brasil. Mas não apenas isso. É possível observar que a maioria das pessoas dessa tela são negras. Logo no primeiro plano, vemos uma baiana, talvez um capoeirista. Esses elementos indicam como a cultura do seu povo era importante para ele. Mestre Zumba retratava a história local, de um meio particular da sua vivência, trazendo elementos de pertencimento e cultura de Santa Luzia do Norte, tendo em vista que até hoje tem uma cultura negra marcante, aliás, temos em Santa Luzia do norte uma comunidade remanescente de quilombos, o Quilombo de Santa Luzia.

O processo da atividade cultural por meio da expressão e participação do povo traz, em uma caminhada cultural, as percepções de que, nesta “folia de Povos”, acontecia uma socialização, interação dentro de elementos regidos nas práticas culturais de um determinado povo. É perceptível também a força da educação do nosso colonizador por meio da Igreja. O espaço onde acontecia a folia também tem em seu cenário uma Igreja altivamente construída, imprimindo o profano e o sagrado dentro de uma festa culturalmente tida como democrática que é o carnaval.

Figura 02 - Um bloco de Carnaval prá onde eles vão



Fonte: <http://outrasimagensperifericas.blogspot.com.br>.

Para onde eles vão? Eles podem ir para qualquer lugar! Vão sempre juntinhos, quase agarradinhos. Não vemos nessa obra pessoas sorrindo, embora seja um bloco de carnaval. Por que será? Talvez o Mestre Zumba quisesse mostrar a dor do seu povo. Podemos também notar, assim como no quadro anterior, que os personagens de Zumba não têm “rostos” e aparecem descalços. As sombras de seus rostos possibilitam uma insinuação, mistério que mexe com o imaginário, construindo nessa pintura uma arte imersa dentro de outra expressão artística, a música, com tambores e ritmos que remetem à música afro, compreendendo assim um carnaval regado a uma melodia negra, feita por negros. Por meio dessa obra, podemos pensar os laços de solidariedade que unem as pessoas principalmente nos momentos mais difíceis.

Existe uma identidade comum a todos: a negritude. Uma criança olhando as obras do Mestre Zumba podia perguntar por que somente negros e homens. José Zumba fez uma opção política de contar a história do seu povo, dos escravos recém-libertos. Além disso, nas décadas da produção da obra, a rua era lugar de homens e não das mulheres, talvez por isso a mulher apareça pouco na sua produção. Essa obra nos remete também à questão da linhagem, que na África significava “a

solidariedade que congrega todos aqueles que descendem de um ancestral comum”.

Figura 03 - Mais uma folia: a burrinha de carnaval e seus agregados



Fonte: <http://outrasimagensperifericas.blogspot.com.br>.

Duarte (2010) chama de folguedos populares um conjunto de danças, dramas, músicas, poesias como o reisado, o bumba-meu-boi, que foi aprendido por meio da ancestralidade e revivido nos dias de hoje como um encontro de diversas culturas. Em outras palavras, esses folguedos não são necessariamente de origem negra/africana, são folguedos que podem desenvolver um tema ligado à cultura afro-brasileira como no caso da obra acima (obra 3) e das obras citadas a seguir. No dizer de Duarte (2010, p. 234), “o negro, o que fez nesse trabalho folclórico foi dar expansão aos seus complexos, aos seus recalques [...] os folguedos derivou grande parte de reminiscência da sua terra, dos costumes, das suas tradições [...]”.

Figura 04 - O Boi-Bumbá e seus agregados: as baianas, a banda de pífano e seus brincantes



Fonte: <http://outrasimagensperifericas.blogspot.com.br>.

No quadro acima, podemos observar a importância do bumba-meu-boi para a cultura brasileira. O boi bumba aparece em vários estados do Brasil. No caso de Alagoas, ele está articulado ao engenho, especificamente à economia da cana. Notamos o papel das negras e dos negros no cenário dessa obra. De acordo com Duarte (2010, p. 259), “o auto do Bumba - meu boi – era levado na festa de Natal e constituía um dos folguedos mais interessantes na região, atraindo gente de toda redondeza.” Embora o bumba-meu-boi não seja de origem afro, especificamente encontramos nas suas apresentações as temáticas negras. Em seu livro *Folclore negro das Alagoas: áreas da cana-de-açúcar pesquisa e interpretação*, Duarte fala sobre o Mateo.

Figura 05 - um palhaço nativo O Matéo



Fonte: <http://outrasimagensperifericas.blogspot.com.br>.

No referido folgado assim é dito por Mateus: “Doutor
Sou o doitô formado
Não desconheço os estudo
Os duente que eu passá a mão
Se não morrê, fica mudo”. (DUARTE, 2010, p. 265)

Figura 06 - Uma armação do Reisado se pondo em cena



Fonte: <http://outrasimagensperifericas.blogspot.com.br>.

Ainda de acordo com Abelardo Duarte (2010), os nossos reisados são folguedos que se aproximam dos cortejos sobas africanos do antigo auto do Congo, como representado pela obra representação natalina semelhante ao guerreiro, que difere dela pelo menor número de componentes, cerca de quinze pessoas. É perceptível como as obras do Mestre Zumba, ao destacar os personagens do reisado, pode levar professores e estudantes a pesquisarem as culturas alagoanas.

Figura 07 - O pau-de-sebo articulador de presença de meninos vadios

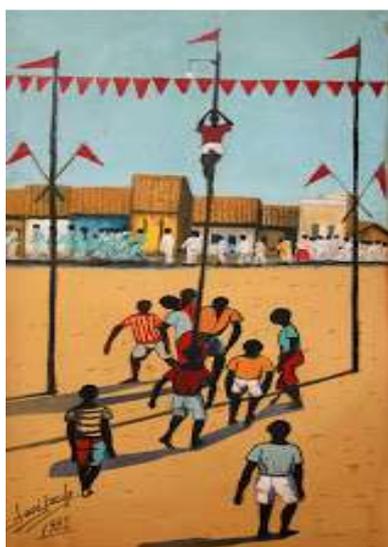


Figura 08 - uma brincadeira de meninos o Quebra-pote



Fonte: <http://outrasimagensperifericas.blogspot.com.br>.

Nas pinturas apresentadas, não vemos apenas meninos brincando. Há todo um processo cultural educativo passado de geração a geração. Percebe-se um processo de trocas intensas entre os mais jovens e adultos anterior à brincadeira. Para a brincadeira acontecer, é necessário a preparação do cenário pelos adultos e conseqüentemente um processo de ensino e aprendizagem entre os mais jovens e os mais velhos.

Figura 09 - O vendedor de mel



Fonte: <http://outrasimagensperifericas.blogspot.com.br>.

O vendedor de mel relembra os antigos escravos de ganhos que saíam para vender seus produtos de porta em porta no Brasil colonial e imperial. Após tantos séculos, esses negros e negras continuam em situação de vulnerabilidade e de miséria. Descalços e realizando diversas atividades nas cidades, exemplificam também a importância da economia de subsistência para a população de maneira geral.

Segundo Santos (2013), as telas mais conhecidas da obra de Zumba foram denominadas de cabeças de negros com figuras principalmente masculinas, mas também idosas pretas e mulheres mais jovens negras. Esses quadros do Mestre Zumba não eram os mais comprados pela elite alagoana devido ao realce dado por José Zumba à cultura negra. No nosso entender, essas telas têm uma importância primordial para discutirmos com os nossos educandos e educandas a questão da identidade negra. No dizer de Gomes (2005, p. 9),

a identidade, para se constituir como realidade, pressupõe uma interação. A ideia que um indivíduo faz de si mesmo, do seu “eu”, é intermediada pelo reconhecimento obtido pelos outros, em

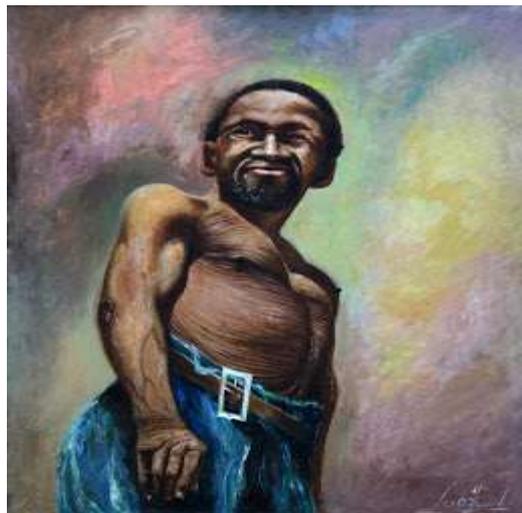
decorrência da sua ação. Nenhuma identidade é construída no isolamento. Ao contrário, é negociada durante toda vida, por meio do diálogo, parcialmente exterior, parcialmente interior, com os outros.

O argumento da autora fortalece a ideia que precisamos nos ver como sujeitos que têm uma história, que podem ser admirados pela sua estética, pela sua cultura, forma de se vestir, ser e estar no mundo. Precisamos pensar a identidade negra, como qualquer outra, como uma construção social que envolve as instâncias políticas e culturais da pessoa. As identidades são construídas por meio de conflitos, contradições e ambiguidades vividas pelos sujeitos encarnados no mundo.

Os negros pintados por Zumba são exemplos fieis dessas análises referentes aos quesitos sobre identidade. Vejamos algumas dessas telas.

2 OS NEGROS DE ZUMBA

Figura 10 - De cima prá baixo



Fonte: <http://outrasimagensperifericas.blogspot.com.br>.

Figura 11 - Preto velho com chapéu de palha e fita vermelha



Fonte: <http://outrasimagensperifericas.blogspot.com.br>.

Os quadros dos pretos velhos significam, além de tudo, o papel da ancestralidade² na cultura afro-brasileira, papel este que se contrapõe à situação de desprezo que passa o idoso na nossa sociedade.

Figura 12 - Filha de Santo



Fonte: <http://outrasimagensperifericas.blogspot.com.br>.

² “Na concepção negra africana, o clã, a linhagem, a família, a etnia são uniões dos vivos e dos mortos. Entre os mortos há defuntos comuns e ancestrais. Estes últimos são os mortos que durante a vida tiveram uma posição social destacada, um rei, um chefe de etnia, um fundador de clã, etc. origem de vida e prosperidade, ponto fixo de referência, o ancestral está sempre presente na memória de seus descendentes através do culto que deles recebe.” (MUNANGA, 2012, p. 83).

Santos (2013) salienta no seu trabalho que José Zumba fazia parte de uma tradição religiosa do candomblé. Ele era chamado para pintar fachadas e interiores de diversos terreiros em Alagoas. Além de pintar os negros com terços, retrata as mães de santo com o objetivo de enaltecer a religião afro-brasileira. Santos (2013, p. 45), assim afirma:

Foi na década de 80 (século XX) que Zumba ficou conhecido como pintor dos negros, com quadro de preto-velho e cabeças de negros. Zumba, a pedido de Edson Moreira, pintou um quadro retratando Zumbi.

Além disso, pintou o Cristo Negro. “Não era uma forma de afrontar a religião católica, era a busca de identificação com o Cristo”, afirma Santos (2013, p. 47). No nosso entender, era preciso muita coragem por parte de Zumba numa sociedade que pretendia embranquecer a população. Produzir um quadro de Cristo Negro era uma forma de resistência ao modelo europeu de forma explícita e corajosa. No dizer de Edson Bezerra, o autor do blog,

[...] e Os Negros de Zumba? De que modo situá-los e, mais do que isto, como pesá-los, quando se percebe que, ao contrário da negritude sem face dos negros anônimos e sem rosto dos negros tal como expostos nas telas das Culturas Populares, agora aparecem a contrapelo do secular peso da humilhação dos negros alagoanos, aparecem agora enquanto negros altivos, os quais, ao pesá-los, poder-se-ia imaginar que os nossos negros, os negros alagoanos, nunca terem sido negros a-sujeitados e submetidos a violência da escravidão [...].Fonte: <<http://outrasimagensperifericas.blogspot.com.br/p/os-negros-de-zumba.html>>³

De acordo com Silva (2006), Zumba foi um homem que exteriorizava a insatisfação perante a degradante situação do afro-brasileiro no nosso país. E ele fez isso por meio da pintura. As suas telas retratavam também vários momentos do cotidiano do negro. Ele tinha o objetivo de elevar a autoestima dos negros e negras. Enfim, sua meta era construir outras histórias. Histórias essas que não foram contadas nos livros didáticos e praticamente ausentes na formação de professores e

³ O professor Edson Bezerra foi o idealizador do blog investigado. Professor da UNEAL e da SEUNE, mestre em Antropologia e doutor em sociologia pela Universidade de Pernambuco. Oferece uma enorme contribuição para a sociedade alagoana.

professoras do curso de Pedagogia e outras licenciaturas da Universidade Federal de Alagoas.

Figura 13 - Canoeiro



Fonte: <http://outrasimagensperifericas.blogspot.com.br>.

Na tela apresentada, Zumba olha para a vida do homem negro e trabalhador com seus afazeres artesanais, de sua importância enorme não só para a economia da cidade, mas também como uma forma de subsistência e de aprendizado. A jangada, a volta para casa, retrata as culturas produzidas pelas comunidades de pescadores e a luta pela sobrevivência. Esses saberes possibilitam inúmeros aprendizados que, por exemplo, podem ser ensinados às crianças, sobre a lagoa, o mar, os peixes, a natureza. É nesse contexto que concordamos com Munanga (2012 p. 84), quando afirma que:

a cultura é o conjunto de objetos materiais que permitem ao grupo assegurar a sua vida cotidiana, das instituições que coordenam as atividades dos membros do grupo, de representações coletivas que constituem uma concepção do mundo, uma moral, uma arte. E esse conjunto é transmitido de geração a geração, para cada membro da sociedade, através do processo educativo.

A cultura também pode ser pensada no seu aspecto imaterial, isto é, simbólico. Dessa forma, na concepção do povo negro, o mundo é um conjunto de forças, entre as quais circulam as energias. Essa força é chamada de força vital. Ela

está presente nos nossos fazeres diários, na relação que temos com o outro, com o sagrado e com o mundo. Nesse sentido, estamos trocando não apenas bens materiais, mas também forças vitais que podem levar a construção de laços fortes entre as pessoas (MUNANGA, 2012).

Depois desta pesquisa, perguntamos: Até quando o Mestre José Zumba estará ausente dos currículos da educação básica e do ensino superior? Até quando vamos desconhecer nossas histórias e nossas lutas? A Lei 10.635/2003 estabelece o seguinte:

Art. 1º A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida dos seguintes arts. 26-A, 79-A e 79-B:

"Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e Histórias Brasileiras (BRASIL, 2003).

A referida lei é clara ao afirmar que o estudo da África, os povos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro nas áreas social, econômica e política devem fazer parte do nosso currículo em todas as disciplinas e, em especial, nas disciplinas de Educação Artística, Literatura e História do Brasil.

Por tudo que pesquisamos, afirmamos que o Mestre Zumba foi um grande educador e que seus quadros contam muitas histórias. Os negros e negras, a cultura alagoana, a forma simples e cotidiana do povo formam elementos que não poderiam deixar de ser apreciados, lidos, refletidos, pensados, dialogados e comparados com outros ícones da nossa arte e da nossa história. Talvez, algum dia, os nossos educadores possam aprender e ensinar por meio dessas telas. Esperamos sinceramente que este trabalho possa ser um começo para pensar novas formas de educação do povo alagoano.

NOTAS INCONCLUSIVAS

Este escrito buscou mostrar, por meio da arte de um artista plástico alagoano, a fundamental importância de se alargar uma compreensão e um estudo ao saber local ao invés de restringir e compilar os saberes acadêmicos e escolarizados no que eles são atualmente, um conjunto de saberes empacotados que muitas vezes não contemplam um olhar justo sobre a cultura de um determinado espaço.

No contexto socioeducacional alagoano da atualidade, buscamos apresentar através da leitura imagética dos quadros de Mestre Zumba um parâmetro educativo, no qual paisagens alagoanas, folclore, negros e negras, crianças e o sincretismo religioso compõem seu aporte artístico. Mesmo frequentando a Escola de Belas Artes de Pernambuco, Zumba não foi considerado um “artista” pela sua condição enquanto negro e pobre. O referencial para os quadros de Zumba foi sua vida, seus saberes sentidos e vividos no meio do povo. Mesmo tido como “artista camelô”, como citou Santos (2013), teve o seu justo reconhecimento, mesmo tardio, porém indispensável para a cultura material e imaterial alagoana.

Trazer à luz de um espaço acadêmico as obras de Zumba é fundamental, pois suas telas não são inferiores a nenhuma composição da arte plástica de aspiração eurocêntrica. A opção do artista plástico que deu voz à cultura popular, ao seu povo, seu espaço vivido e percebido, mostra o quanto a sua identidade afro-alagoana embrenhava seu fazer artístico, apesar das intempéries da vida e das tentativas de silenciamento de sua arte devido a preconceitos com sua afrodescendência e sua situação socioeconômica.

Podemos perceber que, através das telas e da leitura de seu mundo cheio de dificuldades, José Zumba apresenta conhecimento substancial que pode contribuir para os currículos escolares, mostrando uma variabilidade de temáticas na qual podemos situá-lo como um educador não somente nas artes plásticas, mas também da cultura popular, em história afro-brasileira e afro-alagoana, a partir da socialização de uma leitura imagética de seus quadros numa compreensão interdisciplinar e processual de um aprendizado que deve ser garantido aos alunos como previsto pela Lei 10.639/2003.

Quer seja por meio da cultura local, da influência da historicidade alagoana, Mestre Zumba nos educa não somente com sua estética e linguagem artística, mas contribui para uma reflexão acerca da composição dos currículos oficiais, sendo referenciado como artista negro e educador por meio de suas obras.

Abstract: This writing exposes elements of the production of artist José Hermeto Zumba and his contributions to the Brazilian education Alagoas and imagery from the reading of his paintings reinterpreted from understanding Brandão (1981) and his concept of education, passing the approach of Fonseca (2010) on the image of the artist in black Brazilian culture, with the Alagoas identity in Tables Master Zumba and their understanding of Alagoas identity that is part of their experience and is transcribed in his paintings through a "afroalagoanidade" reinterpreted in figure in his black, women and folkloric elements in conjecture with the law 10.639/2003, bringing Jose Zumba as an educator from the look of fine arts and Alagoas culture as integral elements of the educational process.

Keywords: Mestre Zumba. Alagoas identity. Educational processes.

REFERÊNCIAS

ABC das Alagoas. **Gogó da Ema**. Disponível em: <<http://www.abcdasalagoas.com.br/verbetes/index/G/page:11>> Acesso em: 30 mai. 2014.

AUGUSTO, Dario. **No azul sonhado**. Disponível em: <<http://catadoradeversos.blogspot.com.br/2012/03/jose-zumba-ou-simplesmentezumba-segundo.html>> Acesso em: 14 fev. 2014.

BEZERRA, Edson. **Negros, canais, lagoas e outras imagens periféricas**. Disponível em: <<http://outrasimagensperifericas.blogspot.com.br>> Acesso em: 09 jan. 2014.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BRASIL. **Lei 10/639/2003**. Brasília, Governo Federal, 2013. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm> Acesso em :13 mai. 2013.

DUARTE, Abelardo. **Folclore negro das Alagoas**: áreas da cana-de-açúcar pesquisa e interpretação. Maceió: Edufal, 2010.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Viabilidade e ocultação da diferença: imagens do negro na cultura brasileira. In: FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). **Brasil afro-brasileiro**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

GOMES, Nilma Lino. Educação e identidade negra. In: BRITO, Ângela Maria Benedito B. de et al (orgs.). Educação e identidade negra. **Revista Kulé Kulé**, Maceió, Alagoas, 2005.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude**: usos e sentidos. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

SILVA, Lino Moreira da. Entre o mito do “bom selvagem” e o processo da “educação racional” na interligação do currículo com as finalidades educativas. In: MOREIRA, Antônio Flavio Barbosa; ALVES, Maria Palmeira Carlos; GARCIA, Regina Leite. **Currículo, cotidiano e tecnologias**. Araraquara: Junqueira & Marin, 2006.

SILVA, Dilma de Melo. Identidade afro-brasileira: abordagem do ensino de arte. **Revista Comunicação & Educação**. São Paulo, set./dez. 1997. p. 44-49.

SANTOS, Jeamerson dos. **Estudo descritivo de aspectos biográficos e da obra artística de José Zumba**. Monografia apresentado ao curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Alagoas. Maceió, 2013.